



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

CÍCERO EDUARDO BARBOSA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DOS SÍMBOLOS CULTURAIS NA PAISAGEM DA
CIDADE DE DONA INÊS-PB**

GUARABIRA-PB

2023

CÍCERO EDUARDO BARBOSA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DOS SÍMBOLOS CULTURAIS NA PAISAGEM DA CIDADE DE
DONA INÊS-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo Científico), apresentado à coordenação do curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.

Linha da Pesquisa: Geografia Cultural e da Percepção

Orientadora: Profa. Me. Maria Aletheia Stédile Belizário

GUARABIRA-PB

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586i Silva, Cícero Eduardo Barbosa da.
A importância dos símbolos culturais na paisagem da cidade de Dona Inês-PB [manuscrito] / Cícero Eduardo Barbosa da Silva. - 2023.
44 p.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.
"Orientação : Profa. Ma. Maria Aletheia Stedile Belizário, Departamento de História e Geografia - CH. "
1. Paisagem. 2. Símbolos culturais. 3. Transformação. I.
Título

21. ed. CDD 910.33

CÍCERO EDUARDO BARBOSA DA SILVA

**A IMPORTÂNCIA DOS SIMBOLOS CULTURAIS NA PAISAGEM DA CIDADE DE
DONA INÊS-PB**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo Científico), apresentado à coordenação do curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.

Linha da Pesquisa: Geografia Cultural e da Percepção

Aprovada em: **05/ 12/ 2023**.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Me. Maria Aletheia Stedile Belizário (Orientadora)
Mestre em Geografia - UECE
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto
Doutor em Sociologia - UFPB
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Luciene Vieira de Arruda
Doutora em Agronomia - UFPB
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

Começo agradecendo a minha família, minha mãe e meu irmão por todo o apoio durante toda a minha vida.

Ao meu pai que já partiu, mas sempre foi a pessoa que mais me incentivou durante toda a minha vida.

À Universidade Estadual da Paraíba, principalmente, ao Campus III de Guarabira-PB.

Ao Departamento de Geografia e ao corpo docente do Curso de Licenciatura Plena em Geografia por todo empenho e preocupação com os alunos.

A todos os funcionários do Campus por sempre se empenharem ao máximo pela Universidade

Agradeço aos meus colegas de turma ao longo desses quatro anos pelas experiências vividas e conhecimentos compartilhados

A banca por aceitar o convite e pelas contribuições no dia.

Sou grato a todas as pessoas que me ajudaram no desenvolvimento da pesquisa em campo, com as entrevistas e contribuições para o enriquecimento do artigo.

Sou grato a professora Me. Maria Aletheia por ter aceitado o convite de mim orientar e ter contribuído muito com suas indicações de leituras, apontamentos ao longo do trabalho, e por ter se empenhado ao máximo para a defesa do meu TCC na data prevista.

Enfim, sou muito grato a todas as pessoas que participaram do desenvolvimento do meu trabalho, bem como todas as pessoas que conheci durante os anos de estudo, a minha família, a professora Aletheia pelo empenho ao máximo, o meu muito obrigado a todos.

043. LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

SILVA, Cícero Eduardo Barbosa da. **A importância dos símbolos culturais na paisagem da cidade de Dona Inês-PB** (Trabalho de Conclusão de Curso, Geografia, Centro de Humanidades/UEPB), 2022, 44p.

Linha de Pesquisa: Geografia Cultural e da Percepção

Orientadora: Profa. Ms. Maria Aletheia Stedile Belizário (DG/CH/UEPB)

Banca Examinadora: Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto (DG/CH/UEPB)
Profa. Dra. Luciene Vieira de Arruda (DG/CH/UEPB)

RESUMO

A paisagem sempre sofreu modificações durante o tempo e o espaço. O ser humano é um dos principais modeladores dela, e através de sua cultura e organização social vai transformando essas áreas. Suas marcas ganharão um valor simbólico para uma determinada sociedade, e poderão contar sobre sua história e a importância que têm para as pessoas que vivem ali. Este artigo traz como objetivo discutir sobre a importância que os símbolos culturais têm na cidade de Dona Inês – PB. Para isso foi feito em um primeiro momento a discussão de obras literárias sobre o tema, e em seguida uma pesquisa em alguns dos principais locais da região, com entrevista e registro fotográficos. No qual foram visitadas 5 áreas distintas, em que buscou entender qual sua importância em relação ao que foi estudado. Onde se constatou como a história está presente na paisagem dessa localidade, assim como o valor emocional que uma mesma região pode proporcionar de forma distinta quando comparado com quem está discutindo. Além da importância de perceber como essas áreas se transformam, mas que sempre deixam resquícios de como era antes para como será no futuro.

Palavras-Chave: paisagem; símbolos culturais; transformação.

043. FULL DEGREE IN GEOGRAPHY

SILVA, Cícero Eduardo Barbosa da. **The importance of cultural symbols in the landscape the of Dona Inês-PB** (Completion of course work, Geography, Humanities Center/UEPB), 2022, 44p.

Search Line: Cultural Geography and Perception

Advisor: Profa. Ms. Maria Aletheia Stedile Belizário (DG/CH/UEPB)

Examination Board: Prof. Dr. Belarmino Mariano Neto (DG/CH/UEPB)
Prof. Dra. Luciene Vieira de Arruda (DG/CH/UEPB)

ABSTRACT

A landscape always experiences changes over time and space. Mankind is one of its primary shapers and keeps transforming these areas through its culture and social organization. Its marks will attain a symbolic value for a specific society, which will be able to tell its history and the importance it holds for the people who live there. This study aims to analyze the importance of cultural symbols in the city of Dona Inês, PB, Brazil. For this purpose, a discussion about literary works on this subject was carried out, followed by research concerning some of the main locations in the region using interviews and photographic records. Five different areas were visited, where it was sought to understand their importance in relation to what had been previously studied. It was verified the extent to which the history is present in the landscape of the location, as well as the diverse emotional value that one region may offer when compared between viewpoints of different people. Furthermore, it was verified the importance of realizing how these areas are transformed, while always leaving behind vestiges of their past, and ideas of what they will be like in the future.

Keywords: landscape; cultural symbols; transformation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Localização do município de Dona Inês em relação ao Brasil e ao estado da Paraíba.....	23
Figura 2 - Mapa de localização do município de Dona Inês-PB.....	26
Figura 3 - Parte frontal do Museu Espaço da Memória, Dona Inês-PB.....	27
Figura 4 - Cama estilo patente doada por uma família de uma zona rural de Dona Inês-PB para exposição no Museu.....	28
Figura 5 - História da cama exposta no Museu Espaço da Memória, Dona Inês-PB	29
Figura 6 - Parte frontal do Memorial da Farinha no Espaço da Memória, Dona Inês-PB	30
Figura 7 - Aparelho no Memorial da Farinha no Espaço da Memória, Dona Inês-PB	31
Figura 8 - Casa antiga no Espaço da Memória, Dona Inês-PB.....	32
Figura 9 – Objetos dentro da casa no Espaço da Memória, Dona Inês-PB	32
Figura 10 - Santos dentro da casa no Espaço da Memória, Dona Inês-PB	32
Figura 11 - Objetos antigos da casa no Espaço da Memória, Dona Inês-PB.....	32
Figura 12 - Praça da Juventude, Dona Inês-PB.....	34
Figura 13 - Área do palco na Praça da Juventude, Dona Inês-PB.....	35
Figura 14 - Igreja Mãe, Dona Inês-PB.....	35
Figura 15 - Símbolo cultural na Praça dos Trabalhadores, Dona Inês-PB.....	37
Figura 16 - Estátua na Praça dos Trabalhadores, Dona Inês-PB.....	38
Figura 17 - Grafite em uma área da cidade de Dona Inês-PB.....	39

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE A GEOGRAFIA CULTURAL NO MUNDO E NO BRASIL	11
2.1 PAISAGEM, TERRITÓRIO E ESPAÇO NA GEOGRAFIA	16
2.2 A IMPORTÂNCIA DA CULTURA PARA A CRIAÇÃO E SIGNIFICADO SIMBÓLICO DO ESPAÇO	18
2.3 UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE A CIDADE DE DONA INÊS-PB E SUAS CONDIÇÕES GEOGRÁFICAS	22
3 MATERIAIS E MÉTODOS	24
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	26
4.1 ESPAÇO DA MEMÓRIA	27
4.2 IMPORTÂNCIA DOS PRINCIPAIS SÍMBOLOS CULTURAIS NA CIDADE DE DONA INÊS – PB.....	34
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

A Geografia estuda a relação da sociedade com a dinâmica do espaço. Este, por sua vez, é um elemento destinado para as diversas áreas do conhecimento, não apenas aos estudos dos geógrafos, mas também para astrônomos, matemáticos, psicólogos, economistas entre outros. Porém, para cada uma destas áreas do conhecimento, tem-se uma forma diferente de estudar e, conseqüentemente, de se relacionar com o espaço (Silva, 2015).

De acordo com Oliveira (2000), o espaço é uma das principais categorias de análise da Geografia, pois quando se pensa nele, enquanto forma de percepção, mostra como o ser humano se relaciona com os lugares em que vive e como as relações sociais vão imprimir, a partir da percepção das pessoas, formas diferentes de habitar o espaço geográfico.

Ainda segundo a autora supracitada, essa dimensão espacial na Geografia, ocorre em contrapartida à percepção daquelas pessoas que têm uma relação com o meio em que vivem. A partir disso, cada uma compreende de uma forma diferente a noção de espaço, seja com cor, tamanho e dimensão, por exemplo. Dessa maneira, o espaço pode ser percebido de forma diferente para quem o vê de longe ou de perto, já no que se refere às formas terão diferentes aspectos visuais a depender do campo de visão de onde se observa, como também de quem o observa (Oliveira, 2000).

A paisagem vai se relacionar com os aspectos geográficos como um recorte do que é percebido no espaço. Logo, o indivíduo ao visualizar uma paisagem geográfica passa a entendê-la e transformá-la para criar as suas formas sociais as quais serão impressas em uma determinada sociedade. Em seu artigo, Maximiano (2004) vai tratar como o ser humano sempre buscou formas de retratar o espaço geográfico a partir das pinturas rupestres de uma sociedade que retratava o seu dia a dia, através da pintura e como era a sua interação com o espaço nas paredes das cavernas.

Ademais, outra forma de perceber a paisagem Araújo e Kunz (2014) contribuem com o entendimento ao justificarem que há duas formas de se relacionar com o seu meio e como exemplo a descrição da paisagem, através da fala, da descrição dos objetos geográficos, objetos esses que podem ser de forma natural ou humana. Ademais, incluem também os aspectos invisíveis, por fim a escrita.

A paisagem pode ser percebida a partir do espaço geográfico, como já exposto anteriormente. Nesse sentido, um determinado lugar pode expressar diversas formas de emoções, através da sociedade que conviveram ou convivem em uma região. Assim, a mesma espacialidade também poderá ser descrita de diferentes formas a partir das pessoas que participam dessas mudanças (Serpa, 2010).

Através das mudanças é possível ver como as formas espaciais são dinâmicas e se transformam ao longo do tempo. Maximiano (2004), traz o exemplo do Egito, em que há 2500 a.C. os seus jardins em Tebas eram ornados de partes de água e formavam um complexo residencial que era rodeado por muros. À autora diz que mais tarde, em 1500 a.C, aproximadamente, Tebas se transformou em um centro urbano cercado por extensas áreas verdes.

Pode-se perceber como as paisagens vão se transformar e se modificar em relação ao tempo e à sociedade que habita nelas. Muitas dessas paisagens que se transformam deixam resquícios, seja por uma obra de arte ou construção do espaço geográfico que ficou no tempo o qual pode se transformar em um ponto turístico entre outros. (Silveira; Araújo, 2013).

A cultura, por sua vez, é considerada uma das três palavras mais complexas de nossa língua, a palavra mapeia ao longo do tempo como mudanças históricas do homem do espaço rural ao urbano, da criação de porcos a Picasso e o lavrar do solo até à divisão de átomo. A sua origem latina é *colere*, e pode significar qualquer coisa como cultivar, habitar e proteger (Eagleton, 2005).

A palavra "cultura" codifica várias questões filosóficas as quais abarcam discussões, tais como a liberdade e o determinismo, o fazer e o sofrer, mudanças e entidade, como também o dado e o criado. Sendo assim, a cultura é um tipo de pedagogia ética que torna as pessoas aptas para a cidadania política, bem como liberar o ideal e o coletivo dentro de cada um, encontrando sua representação suprema no âmbito universal do estado (Eagleton, 2005).

A relação da cultura com a natureza está presente no indivíduo que faz parte do meio social do qual vive, estando presente de forma implícita na modificação e transformação da natureza. Sob este cenário, deixa marcas culturais que podem ser passadas com o tempo de forma que sejam transformadas ou criadas outras. Logo, a sociedade irá expressar na natureza os seus valores simbólicos a partir da cultura que está inserida (Pelegriani; Maringá, 2006).

A Paraíba é um dos 26 estados brasileiros, localizado na região nordeste, com uma ocupação que corresponde a cerca de 0,7% do território brasileiro. Com efeito, a sua história de ocupação, evoluiu socialmente, estruturada no território que vai do litoral ao interior do estado, distribuindo a sua população nos seus 223 municípios (Mendes; Araújo; Fernandes, 2012).

Dona Inês-PB, segundo dados do IBGE (2022), possui uma população de 10.380 habitantes e densidade demográfica de 59,78 habitantes por quilômetro quadrado de acordo com o último censo.

O município de Dona Inês-PB faz parte do estado da Paraíba e a sua sede está subdividida em seis bairros: Terra Prometida, Antônio Mariz, Nova Cidade, Nova Conquista, Centro e Jardim Primavera. Os bairros Nova Cidade e Nova Conquista são os mais recentes pelo surgimento de novas áreas urbanas (Galdino, 2014).

A cidade de Dona Inês, por sua vez, é detentora de símbolos culturais na sua região que denotam, tanto a sua história quanto a relação entre o indivíduo enquanto sujeito cultural. Dessa forma, este trabalho é justificado sobre a importância de fazer um levantamento da paisagem na cidade de Dona Inês-PB para entender a formação territorial na região, usando como base a cultura local.

Diante do exposto, este trabalho teve como objetivo geral estudar e analisar alguns dos símbolos da cidade de Dona Inês-PB. A partir disso, teve-se um esforço para entender a sua importância para a paisagem na região, bem como as suas marcas, transformações e resquícios deixados pela sociedade ao longo dos anos.

Na parte metodológica, a cidade foi o principal ponto de partida deste trabalho, através de visitas em campo e registro fotográficos. Assim, foi proposto entender essa conjectura e como as paisagens têm a sua importância cultural para a região. Ainda foi discutido como as paisagens denotam sentimentos por diferentes grupos sociais e como as formas vão se relacionar e adquirir importância para a história local. Para a análise dos resultados foi necessário o levantamento através de obras literárias tais como artigos, trabalhos acadêmicos, livros, bem como registro documental

2 UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE A GEOGRAFIA CULTURAL NO MUNDO E NO BRASIL

A Geografia Cultural ganhou identidade com as obras de Carl Sauer e seus discípulos. No entanto, a dimensão cultural já estava presente na Geografia desde o século XIX, tendo sua origem de forma sinuosa, entre o final do século XIX e início do século XX, através da Europa, em sua gênese. Nesta mesma época, ocorreu a sua primeira fase, a princípio, na Alemanha e França, posteriormente, nos Estados Unidos (Corrêa, 2020).

A partir disso, o continente Europeu tentou construir uma ideia de superioridade, enquanto passava uma imagem do mundo tropical como pobre e degenerado. Assim, explicava-se que as péssimas condições de vida estavam relacionadas às características físicas dos continentes, a exemplo do clima, população inferior em relação as do continente europeu, criando um dos primeiros paradigmas na Geografia sistematizada, o determinismo ambiental, no contexto do imperialismo e dos interesses do Estado-Nação. Dessa maneira, o determinismo ambiental trouxe a ideia de transformar em natural uma situação histórica, como é o caso do imperialismo, configurando uma ideologia de classes sociais, incorporando virtudes e efetivando potencialidades do meio natural (Fabrício; Viette, 2011).

Essa tese, foi fundada de forma predominante ao positivismo evolucionista, através das teorias naturalistas de Lamarck que a hereditariedade adquirida e as teorias de Darwin sobre a sobrevivência e adaptação dos indivíduos bem-dotados em face ao meio natural. Assim, muitas ideias foram introduzidas, tais como organismo e luta pela sobrevivência em que a seleção do meio natural está sobre o mais forte. No que se refere à incorporação do positivismo trouxe um caráter de unidade científica aos trabalhos por meio de uma Geografia sistematizada com o emprego do método das ciências naturais para explicar a sociedade. Tal fato, fez com que a Geografia ganhasse espaço a partir de 1870, cientificidade como disciplina acadêmica sistematizada, como justifica Friedrich Ratzel (1844-1904) (Fabrício; Viette, 2011).

Um dos primeiros a utilizar o termo cultura na Geografia alemã foi Ratzel em seu livro denominado Antropogeografia no ano de 1882. Ademais, a obra alicerçou a Geografia humana em seu sentido conjuntural do meio físico e abstrato relacionado a posição e espaço e suas influências sobre o homem (SAUER, 2003). Ratzel dedicou um olhar importante para o fato cultural ligado ao aproveitamento do meio de a uma determinada população e relacionou a facilidade direcionada para o deslocamento (CLAVAL, 2014). Logo, o modo de

se observar a cultura: "[...] é analisada, sobretudo sob seus aspectos materiais com um conjunto de artefatos utilizados pelos homens em sua relação com o espaço. As ideias que a subtendem e a linguagem que a exprime são dificilmente evocadas (Corrêa, 2020, p. 11).

Segundo Corrêa (2020), Ratzel ao ter uma visão onde relacionava o Estado a um organismo, ele pensava que sem ou com a falta de espaço ele ficaria ameaçado, limitando sua obra aos aspectos políticos.

Ratzel atribuiu a Geografia uma perspectiva positivista evolucionista, que através de leis gerais buscou explicar e associar a mesma perspectiva à sociedade e ao meio natural. Situando a ciência geográfica na relação indivíduo-meio. Segundo o viés positivista coloca o território como fundamental para a existência da nação e do seu progresso. Ratzel também acreditou que a humanidade é única, embora cada grupo se apresente em determinado estado de evolução o qual é explicado por suas relações com o meio e suas formas de adaptação (Fabrício; Viette, 2011).

Na França, um dos principais nomes da Geografia foi Paul-Marie-Joseph Vidal de La Blache (1845-1918). Este estudou em um colégio interno de seu país de origem e mais tarde se especializou em História e, posteriormente, em Geografia. Por sua vez, teve sua morte de forma súbita, em 05 de abril de 1918, em Tamaris-Sur-Mer, o impedindo de terminar a sua maior obra (Princípios da Geografia Humana). Alguns dos seus capítulos foram publicados nos Annales, tendo pouco de seus capítulos incompletos. Ele se preocupou com a desigual distribuição da população pela superfície da Terra e com as relações entre o homem e o meio físico (Campos, 2014).

Com relação aos geógrafos contemporâneos, Claval (2007) traz uma análise sobre os estudos de Vidal de La Blache, onde ele parte da concepção da Geografia humana que Ratzel havia proposto, estudando o meio sobre as sociedades humanas. Este, entretanto, interessou-se pelo conjunto de técnicas e de utensílios que o homem fabricava para transformar o contexto em que vivia. Assim, explorando e tornando os recursos naturais de acordo com as suas necessidades. A cultura, para esse autor, é pertinente aquela que se aprende, através dos instrumentos que as sociedades se utilizam e da forma que modelam a paisagem.

La Blache escreveu "Os gêneros de vida na Geografia Humana". Nesta teoria concebeu às pessoas como hospedes antigos de vários pontos da superfície da Terra, os quais se adaptaram ao meio, e assim criaram um relacionamento constante com a natureza. Sendo assim, o indivíduo acaba se adaptando à natureza e através dela,

modelando a paisagem. Sob este viés, que uma área urbana se diferencia da área rural, pois o ser humano vai se adaptar a ambas e dessa maneira, constituir o espaço geográfico em relação ao meio que vive (Passos, 2017).

Claval (2007) ainda traz contribuições sobre os gêneros de vida de Vidal de La Blache, onde a noção da temática permite lançar um olhar sintético sobre as técnicas, os utensílios ou as formas de diferentes civilizações habitarem diferentes espaços. Logo a sua ambição era explicar os lugares, não concentrando sobre as pessoas, mas analisando os gêneros de vida e mostrar como se elabora as paisagens e como elas vão refletir na organização social do trabalho.

Vidal de La Blache e seus alunos pensaram na cultura como o que se impõe entre o indivíduo e o meio para humanizar as paisagens. Ele também estruturou, de forma estável, os comportamentos que interessa descrever e explicar. Assim, introduziu a noção de gênero de vida na Geografia humana em seu campo comportamental cada vez mais variado e complexo (Claval, 2007).

A Geografia propriamente dita foi ganhando uma abordagem cultural somente nos Estados Unidos, onde ela teria sido negligenciada, se não fosse a abordagem de Sauer, seus discípulos e a escola de Berkeley. Carl Sauer tinha como base o historicismo, relacionando um sentido temporal ao homem e sua relação, tanto com o cultural quanto o social (Corrêa, 2020).

Carl Otwin Sauer nasceu em 1889 e como filho de imigrantes alemães, em uma pequena cidade do Estado do Missouri. Optou, no início de sua carreira, por um curso de petrologia, mas logo pediu a transferência para a Universidade de Chicago para estudar Geografia. Este se especializou em Geografia física. Em sua pesquisa geomorfológica sobre o vale do Alto Rio Illinois e da região da montanha Ozark, em Missouri, para o seu projeto de doutorado, incluiu a história do povoamento da região enquanto lia obras de geógrafos alemães e franceses, tendo o apresentado ao conceito de paisagem cultural. Em 1923, Sauer aceitou uma posição como diretor do departamento de Geografia na Universidade de Berkeley, na Califórnia, abriu perspectivas totalmente diferentes para a sua carreira (Mathewson; Seemann, 2008).

Mathewson e Seemann (2008) também relatam que, em seus anos iniciais, em Berkeley, Sauer direcionou a sua atenção ao noroeste do México, concentrando os seus estudos na paisagem contemporânea em que precisavam ser vistas no contexto histórico-cultural. Reconhecendo que essas paisagens estavam ligadas ao seu passado indígena e colonial as quais precisavam fazer estudos sobre a história local.

Assim, Sauer buscou um rompimento com o determinismo ambiental, através de sua abordagem histórica e buscava entender dois modelos de paisagem, a natural e a cultural. A paisagem natural era aquela que compreendia as ações antes da presença humana, enquanto a cultural estava presente à ação da sociedade, incluindo até a sua alteração de distribuição (Corrêa, 2020).

Ademais, Sauer viveu em um tempo de incertezas na ciência, quis resolver as dualidades entre Geografia física e humana. Este pensador acredita que a paisagem não era simplesmente uma cena real, vista por um observador, mas uma generalização derivada da observação de cenas individuais. O geógrafo poderia descrever a paisagem individual como uma variante de um tipo, tendo sempre em mente o genérico e procedendo por comparação. O autor também dividiu a paisagem em dois tipos: as paisagens naturais sendo aquelas “virgens”, que seriam intocadas ou com pouca ação humana, tendo seu ciclo apenas conforme os meios da natureza. No tocante da paisagem cultural aquela que possui a modificação das pessoas sobre o seu meio (Name, 2010).

Cada cultura possui, assim, uma configuração particular específica e, portanto, única, como cada povo, que pode compartilhar elementos culturais com outros povos vizinhos em função de um processo imitativo e de contato através do tempo. Sauer, com uma visão mais particularista, adapta esta noção no delineamento de "áreas/paisagens culturais", com povos de estilos de vida próprios baseados numa história local. A cultura é vista então como o conjunto de artefatos e instrumentos somados à associação de plantas e animais que as sociedades aprendem a utilizar e ao saber em relação ao ambiente (Name, 2010, p. 170).

Para Sauer a paisagem é modelada a partir de uma paisagem natural, uma paisagem que não obteve nenhuma transformação humana é modificada quando um grupo cultural a modela, diferenciando de seu estado natural. Sauer ainda obteve grande contribuição no desenvolvimento da paisagem ao propor a utilização do método morfológico, em análise, transformando em um objeto de estudo podendo ser pesquisado, através dos métodos científicos da época (Costa; Gastal, 2010).

Nos anos de 1970, no ambiente acadêmico britânico, obteve como fator chave consensual que a cultura é responsável para o entendimento da economia política e o social. Em 1980, consolida-se a nova Geografia cultural, onde muito foi se criticado sobre estudos da escola de Berkeley, tendo como argumentos o excessivo enfoque na avaliação de artefatos, reforçando a preocupação com a cultura material (Silva; Silva, 2022).

Em defesa de Sauer, Marie Price e Martin Lewis (1993a) avaliam que muitas das críticas que são feitas à sua obra seriam replicações estereotipadas de raciocínios mal formulados. Além disso, acusaram um grupo de autores identificados com a nova Geografia cultural de replicarem o que seriam críticas injustas que maximizam a importância que Sauer de fato dava à cultura material (Silva; Silva, 2022, p. 182).

A Geografia cultural que emerge a partir da década de 1970 tem um nítido sentido político. Ademais, a relação entre cultura e política remete às diferentes classes sociais. Logo, a cultura passa a ser considerada, simultaneamente, como reflexo, meio e condição de existência e reprodução. A dimensão política cultural se manifesta por meio da polivocalidade, que são as diversas formas de interpretação da paisagem, em que diferentes grupos tanto étnicos, religiosos, econômicos podem interpretar a paisagem de formas distintas (Corrêa, 2009).

A partir disso, nos anos de 1980, a abordagem cultural generalizou-se, o modernismo estava baseado entre a filosofia e a história. O pós-modernismo aparecia como um retorno a curiosidade pelo espaço humano e sua diversidade cultural. Nos países de língua inglesa, a nova Geografia cultural foi baseada sobre as conceituações simbólicas da cultura. Já na França, a reflexão foi sobre diferentes orientações, focalizando na experiência do lugar sobre o espaço vivido, bem como a natureza e a multiplicidade dos espaços imaginados pela sociedade (Claval, 2011).

No contexto da realidade do Brasil, não faltaram publicações geográficas, no século XIX, sendo relatos de viagens, escritos por estrangeiros, porém cada vez mais brasileiros. A Geografia chega às terras brasileiras no início do século XX, vinculada por pessoas que estudaram no exterior. Além do mais, os estudos se consolidam através de trabalhos, com saídas em campos, observações e entrevistas (Claval, 2012).

Corrêa e Rosendahl (2005) também contribuem sobre a história da Geografia da cultura, onde eles trazem que essa ciência nasceu, em 1934, com a criação do departamento tanto de Geografia como de História, na cidade de São Paulo. Mais tarde, em 1936, chega ao Rio de Janeiro, na atual Universidade Federal do Rio de Janeiro. Onde a heterogeneidade cultural foi negligenciada, seus aspectos antropológicos eram tratados nos estudos regionais, mas não eram priorizados

Assim pela abordagem da Geografia cultural entre 1979 e 1980 permanece minoritária, onde os jovens preferem a economia e atualidade. Com o fim da ditadura

militar vai provocar uma segunda reviravolta, onde as abordagens radicais se impõem (Claval, 2012).

Nesta mesma época, a Geografia brasileira vai se dividir em três linhas. Assim, como a tradição francesa, segundo a visão teórico-quantitativa, após 1980, com a perspectiva crítica, e referência ao materialismo histórico e dialético ocorre uma heterogeneidade cultural no Brasil. A partir disso, o dinamismo referente a inúmeras redes estabelecidas com geógrafos europeus e norte-americanos vão contribuir para a criação do interesse pela dimensão cultural do espaço (Corrêa; Rosendahl, 2005).

A cultura só vai se afirmar, no início dos anos de 1990, em que Rosendahl cria, no Rio de Janeiro, em 1994, um laboratório chamando de “Espaço e Cultura”, nascendo o Núcleo de Pesquisas em Espaço e Cultura (NEPEC). O sucesso de suas orientações fez organizar os seus seminários nacionais (Claval, 2012).

Corrêa e Rosendahl (2005) ainda destacam a existência de outros focos autônomos em que a Geografia cultural constituiu a partir de alguns geógrafos em universidades brasileiras. Graças ao seu conhecimento sistematizado, a Geografia possibilitou, em 2003, a International Geographical Union (IGU) organizado por intermédio do Working Group of Cultural Approach in Geography, presidido por Paul Claval, uma Conferência Regional sobre a Dimensão Histórica da Cultura ocorrida no Rio de Janeiro, reunindo cerca de 100 “Papers”, contando com 60 produzidos por brasileiros.

2.1 PAISAGEM, TERRITÓRIO E ESPAÇO NA GEOGRAFIA

No livro “Espaços culturais: vivências, imaginações e representações” do autor Serpa (2008) ele faz uma análise sobre paisagem, território e espaço retratando sua importância para a Geografia, assim como a diferenciação de ambos e suas espacialidades.

A paisagem é retratada como estando presente no espaço geográfico. Quando um pesquisador busca um objeto de estudo a partir daí ele escolhe sua escala no meio que o quer analisar. Esse estudo é voltado como sendo diferente segundo o olhar de quem o está observando, assim não terá um conceito prévio para o que seria a paisagem e nem para quem está analisando, pois como o autor mesmo retrata o olhar

de um pesquisador pode ser diferente de quem vive naquela localidade, sendo que o que Serpa (2008) discute é que pela sua homogeneidade a paisagem vai ser fruto individual onde cada um poderá classificar de forma distinta

A paisagem está intimamente ligada na Geografia humana, e com a cultura. Ela é uma maneira de ver, uma forma de compor e harmonizar o mundo externo em uma cena, ela está ligada a uma maneira de ver o mundo em uma criação racionalmente ordenada, designada e harmoniosa, sendo sua estrutura e mecanismo acessível a mente humana em suas ações que alteram e aperfeiçoam o meio ambiente (Corrêa; Rosendahl, 1998).

Corrêa e Rosendahl (1998) ainda contribuem que a paisagem é um conceito complexo, mas especificam três de suas implicações: a primeira é que são as formas visíveis no mundo, sua composição e estrutura espacial; a segunda a unidade coerência, ordem ou concepção racional do meio ambiente; a terceira é a ideia de intervenção humana no qual modelam e remodelam o mundo.

Assim, paisagem é um conceito unicamente valioso para uma Geografia efetivamente humana. Ao contrário do conceito de lugar, lembra-nos sobre a nossa posição no esquema da natureza. Ao contrário de meio ambiente ou espaço, lembra-nos que apenas através da consciência e razão humanas este esquema é conhecido por nós, e apenas através da técnica podemos participar dela como seres humanos. Ao mesmo tempo, paisagem lembra-nos que a Geografia está em toda parte, que é uma fonte constante de beleza e feiúra, de acertos e erros, de alegria e sofrimento, tanto quanto é de ganho e perda (Corrêa; Rosendahl, 1998, p.100).

O território por sua vez é discutido por duas feições para Serpa (2008), que são o limite e o conteúdo e pelo resultado do poder está sujeito a relação. O autor também destaca que o território é ocupado por diferentes pessoas que modificam a dinâmica como esse espaço será mostrado no final, o território pode ser proposto limite, mas o espaço e a paisagem da mesma área permanecem igual, mesmo com as delimitações naquela área em que são expostas, o espaço vai continuar permanecendo e a sociedade vai utilizar o uso de sua área em diferentes escalas.

Já no espaço Serpa (2008) discute sua importância perante a Geografia, traz exemplos como os centros urbanos que acabam tendo espaços diversos. O autor utiliza como exemplo áreas distintas economicamente, esses espaços geográficos terão dinâmicas e paisagens diferentes pois o espaço buscará compreender essas distintas áreas enquanto a paisagem será uma pequena delimitação dela.

Parece indicar a necessidade do uso articulado das categorias analíticas, como espaço, território, paisagem e lugar. É como se estivéssemos na presença de fractais, nos quais os perímetros se ampliam, mantendo-se a mesma área. Nos casos aqui explorados, trata-se da produção de mais espaço a partir das mesmas paisagens, porém, que levam a novos planos, novas superfícies. O início de tudo, a paisagem primeira, é a que provoca a sensibilidade humana, mas como vimos, por vezes ela é desfocada, por causa de nossas próprias contradições, de lidarmos também com a realidade do território e das representações (Serpa, 2008, p. 307 e 308).

Para Serpa (2008) a paisagem é o ponto primário de importância para a compreensão do espaço, é através dela que o indivíduo a modifica, ocupa de diferentes formas e a delimita por diversos grupos sociais diferentes, o que vai retratar uma nova mudança do que seria passado ou deixado.

2.2 A IMPORTÂNCIA DA CULTURA PARA A CRIAÇÃO E SIGNIFICADO SIMBÓLICO DO ESPAÇO

A cultura não funciona através dos seres humanos, ela precisa ser constantemente reproduzida por eles em suas ações, em que muitas não são reflexivas, mas são rotineiras na vida cotidiana. Corrêa e Rosendahl (1998) trazem como exemplo a política e religião, em que as pessoas a apresentam como um alimento humano, o seu objeto natural se torna um objeto e sendo lhe atribuído um significado cultural. O objeto cultura introduz e pode ser ligado a outros que não são relacionados a ele em sua natureza.

A Geografia cultural vai estudar o sentido que a sociedade dá ao espaço e como isso vai estar presente no seu meio. A paisagem vai estar naturalmente exposta a transformações em que o indivíduo a modela de certa lógica, e do ponto de vista dessa vertente vai tentar compreender esses processos (Corrêa; Rosendahl, 1998).

A cultura é um dos principais meios de diferenciação em sociedade, quando se percebe que nenhum espaço é igual a outro, seja pelo clima, por variações morfológicas, ou até vegetais, vai se compreender essa subjetividade, assim como ela vai trazer também as diferentes formas da sociedade ocupar aquele espaço (Claval, 2007).

Uma cultura é, em grande medida, feita de palavras que traduzem o real recortando-o, estruturando-o e organizando-o. Estes signos falam dos lugares, da vida, dos seres ou das técnicas: têm um valor descritivo. Como adquirem conotações no decorrer da existência, ganham uma carga emotiva. É por isso que os geógrafos anglo-saxões aplicam, normalmente, ao estudo geográfico das culturas as técnicas de análise intertextual exploradas pela hermenêutica: a paisagem serve de suporte a formas de comunicação muito complexas (Claval, 2007, p.137).

Uma das diferenças dos espaços vão ser através da hierarquização. Claval (2007), discute que as sociedades que tiverem uma melhor educação serão as principais a renovação do seu meio, pois são elas que estão mais dispostas a inovação. O procedimento revolucionário terá seu acolhimento ao acaso, mas nos centros localizados no topo das hierarquias urbanas, ou na sua proximidade, serão os primeiros a acolherem novos métodos que irão chegar mais rapidamente.

Para Corrêa e Rosendahl (1998) a paisagem é uma marca porque ela expressa uma civilização, onde ela pode ser descrita de diversas formas. Também é uma matriz porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação, da cultura, e assim vão trazer a relação do indivíduo com o seu espaço.

Na retratação da paisagem Corrêa e Rosendahl (1998) também trazem a importância que ela tem como imagem, pois mesmo que consiga se ter a imagem só se perceber uma ideia dela. A imagem vai conseguir capturar uma amostra desse cenário, mas não vai conseguir capturar toda a sua forma que seria tanto mostrada como sentida naturalmente.

Tuan (1983) fala sobre a importância do olhar para a imagem. Quando o indivíduo olha uma imagem seus olhos se detêm em pontos de interesse, cada parada é um tempo suficiente para criar um cenário daquele lugar, que parece único e distinto. Não se olha inclusive só uma vez, os olhos continuam procurando pontos onde se referenciar. O autor traz o exemplo de uma montanha, a parti do momento que se tira a foto daquele local essa imagem não consegue retratar todo o sentimento que se percebe por quem está observando-a de perto, assim como aquela imagem tão pequena para os olhos de quem a tirou não consegue acreditar no tamanho e na imponência que essa paisagem consegue demonstrar para quem está vendo-a de perto.

Relacionando o sentimento com a paisagem Tuan (1983) traz outro ponto com o que o indivíduo percebe na rua onde se mora. Cada pessoa daquela localidade terá sua experiencia única com ela, esse espaço se torna um lugar que começa a ter

emoções quando se percebe as experiências de quem ali reside e vai se expandido pelo bairro, pela cidade, e as pessoas vão se relacionando e se orientando com aquela localidade

A orientação será um dos principais meios que o indivíduo se organiza no espaço. Claval (2007) mostra como as pessoas se orientam no seu espaço em que vivem. Para uma sociedade que reside em áreas naturais são muito sensíveis aos traços que lhe são uteis com a natureza, os caçadores apreenderam com um simples olhar a rastrear rastros de animais, marcas no chão, ervas amassadas.

Na cidade as orientações serão variadas. Os edifícios são grandes espaços desconhecidos, onde se utiliza pontos de referências para se localizar no espaço geográfico, seja pelo tamanho, pela cor, assim como suas formas, em que o ser humano vai diferenciar para se localizar. Os prédios que são visto enquanto a locomoção nesses locais são desconhecidos, exceto aqueles em que se têm os parentes, amigos ou conhecidos, em que são frequentados. Após o primeiro contato com novos espaços eles se tornarão mais fluidos, será mais fácil a memorização e reconhecimento ao alcance. As referências visuais identificáveis se tornam essenciais e ganham um valor simbólico daquela cultura em que o indivíduo está residindo ou visitando. (Claval, 2007)

Todas as paisagens serão simbólicas pois para entender ela será preciso saber sua linguagem. Relacionando essa ideia Corrêa e Rosendahl (1998) discutem que a importância de um símbolo na cultura irá ficar marcado perante aquela sociedade e as futuras. Traz também sobre espaços de visitação em que as pessoas precisam seguir uma ordem que j a l e   encubada, atribuída e seguida por todos, mas que o seu descumprimento pode ser levado a penaliza o, dando valores simbólicos a paisagem cultural.

Os valores simbólicos vão se diferenciar segundo os grupos sociais. Pessoas que moram em lugares altamente conhecidos têm um meio emocional com aquela localidade. Tuan (1983) retrata que para quem está visitando não consegue ter o mesmo apreço emocional por aquela cultura de quem já vive l , pois além de já conhecer o local terá mais familiaridade e importância com suas peculiaridades, já para quem passa visitando será vista apenas como mais uma localidade, sem muita importância para eles.

A cultura afeta a percep o, objetos que são admirados por uma pessoa podem não ser, nem se quer notados por outra, embora outros permaneçam, sejam naturais

ou feito pelo indivíduo, persistindo como lugares através da eternidade do tempo, em que sobrevivem e são apoiados pela cultura da sociedade. Esses aspectos na paisagem podem ganhar seu próprio mundo, o qual aumenta ou diminui segundo o interesse das pessoas, mas não perde inteiramente a sua identidade (Tuan, 1983).

Assim a cultura de uma população perpassa a outra, um objeto que era importante no passado, pode ter sua importância tanto potencializada pelas pessoas que o visitam, assim como os moradores da região que utilizam aquilo como um símbolo cultural importante para a sociedade, embora esse objeto com o tempo pode ser esquecido. Tuan (1983) retrata o rochedo de Ayers no centro da Austrália, que dominou o campo mítico e perceptível dos aborígenes, mas agora na atualidade continua sendo um lugar que pessoas são levadas a visitar o monopólio pelo seu extraordinário tamanho. Embora o tempo tenha causado sua deterioração assim como erosão de suas pedras, o que não deixou Stonehenge um importante símbolo natural da cultura daquela região.

Como é possível um monumento transcender os valores de uma determinada cultura? Uma resposta pode ser: um grande monumento como Stonehenge tanto tem importância geral como específica. A importância específica muda com o tempo, ao passo que a geral permanece. Consideremos o moderno Gateway Arch de São Luís. Tem a importância geral de "domo celestial" e de "portal" que transcende a história norte-americana, mas também tem a importância específica de um período único na sua história, principalmente a abertura do Oeste para o povoamento. Os lugares permanentes, que são muito poucos no mundo, advertem a humanidade. A maioria dos monumentos não pode sobreviver à decadência de sua cultura. Quanto mais específico e representativo o objeto, tanto menor a probabilidade de sobreviver: desde o fim do imperialismo britânico no Egito, as estátuas da rainha Vitória não mais dirigem mundos, mas se converteram em obstáculos para o trânsito. Com o passar do tempo, a maioria dos símbolos públicos perdem seu status como lugar e simplesmente obstruem o espaço (Tuan, 1983, p.182).

Tuan (1983) ainda fala sobre a importância de uma escultura, pois ela é uma imagem do sentimento de quem a criou, assim todas as formas culturais serão outras obras que também vão se relacionar com a cultura local da região e sua importância para aquela determinada localidade.

Corrêa e Rosendahl (1988) em relação a importância simbólica da paisagem trazem que revelar os significados dela na cultural exige a habilidade imaginativa de entrar no mundo dos outros, em que se têm consciência e então a apresentam em um nível em que seus símbolos podem ser expostos e refletidos. Tendo uma de suas

vantagens ao se pensar na paisagem dessa maneira é que o indivíduo se torna parte do espaço geográfico.

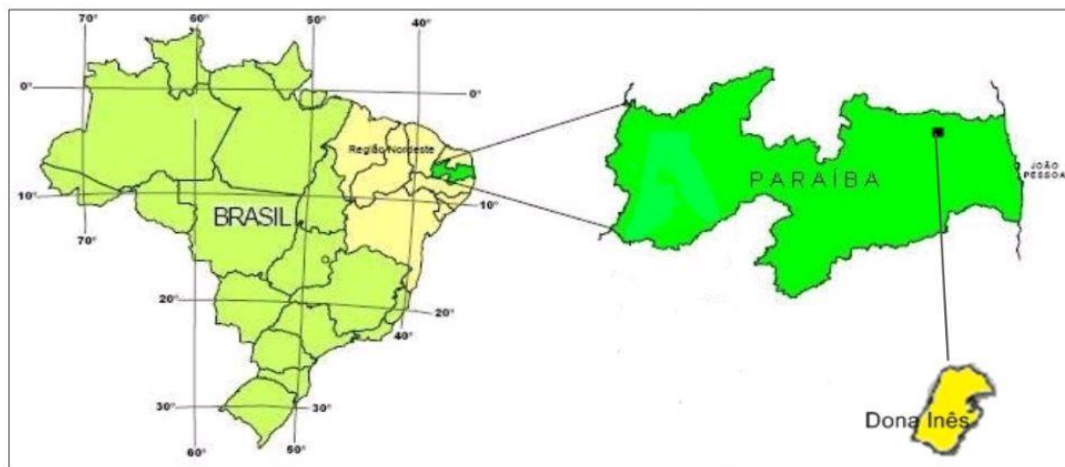
A cidade vai ser um centro de significados, por possuir diferentes expressões culturais, sendo ela por se só uma, assim como ela vai despertar o interesse de quem mora lá e de turistas, através de sua cultura, seus principais símbolos culturais, festas na localidade. Tuan (1983) ainda traz sobre a própria história local dela, pois a cidade não vai aparecer do nada, terá toda uma história de pessoas que lá viveram, de culturas passadas, mas que ainda podem ser encontradas nas suas localidades, bem como muitas delas podem ser comemoradas por festas temáticas.

Na importância simbólica uma cidade ela pode incluir culturas tão radicalmente diferentes que parecem incompatíveis, mas que sua evidência social é visível na paisagem de cada uma através de suas expressões em seus espaços. Sendo uma pode ser dominante a outra, em que suas expressões na paisagem são mais fortes, mas que elas estão presentes e modelando as paisagens geográficas (Corrêa; Rosendahl, 1998).

2.3 UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE A CIDADE DE DONA INÊS-PB E SUAS CONDIÇÕES GEOGRÁFICAS

O município de Dona Inês-PB está localizado na Microrregião do Curimataú Oriental e na Mesorregião do Agreste Paraibano sobre a escarpa Oriental do Planalto da Borborema com coordenadas 06° 36' 22,4" de latitude sul e 35° 37' 39,9" de longitude oeste. Possui uma distância de 155 km da capital da Paraíba (Figura 1). Limita-se ao norte com os municípios de Campo de Santana e Riachão, ao sul com Bananeiras e Solânea, a leste com Campo de Santana e oeste com Araruna e Cacimba de Dentro (Maciel; Felipe; Lima, 2015).

Figura 1 - Localização do município de Dona Inês em relação ao Brasil e ao estado da Paraíba



Fonte: Maciel; Felipe; Lima (2015).

Sua estrutura geológica é predominante cristalina, constituído por rochas resistentes e muito antigas, que compõem o Escudo Pré-Cambriano do Nordeste. Por causa disso, é comum encontrar alguns afloramentos graníticos a exemplo do Lajedo da Serra. Os seus solos são rasos e pedregosos. Não existem rios no município apenas pequenos riachos temporários. Ademais, as condições geográficas do município estão relacionadas ao semiárido brasileiro (Maciel; Felipe; Lima, 2015).

O seu período chuvoso é entre fevereiro a agosto e com o resto do ano seco. Sua pluviosidade anual em média é cerca de 750 mm. Além do mais, possui um clima considerado ameno pela influência da altitude com 425 metros em relação ao nível do mar com temperatura que varia entre 17º C, em seu período mais frio, e 30º C durante o mais quente do ano. Durante os meses de maio a agosto a sua temperatura é mais baixa com nevoeiros frequentes, como também ventos brandos durante essa época do ano (Maciel; Felipe; Lima, 2015).

Segundo o “Plano Municipal de Assistência Social de Dona Inês” sua história começa, em 1852, sendo a inscrição mais antiga que se tem notícia do município foi cravada na fachada da Igreja-Mãe, núcleo de sua vila.

Por volta de 1800, a história oficial de Dona Inês, contada pelos antigos moradores, refere-se à passagem de vaqueiros advindos de outras regiões à procura de gado desgarrado. Por sua vez, a partir de uma coluna de fumaça, perceberam que era uma localidade habitada. Ao longo do trajeto, se depararam com uma mulher cujo nome Inês, acompanhada de um homem ao pé de um lajedo, onde existe até

hoje um pequeno açude chamado Cajueiro. Esta mulher foi descrita como fina e de boa aparência, além de ser “Senhora de Engenho”, em Pernambuco e após aquele dia não voltou a ser vista. Logo, sua passagem por aquele local nunca foi esquecida e que, veio a dar nome ao município, posteriormente.

Em 1852, o território de Dona Inês, chamava-se Serra de Dona Inês, o qual pertencia a Bananeiras, um local, consideravelmente, com ocupações desde o século XVII. Mais tarde, em 1959, o então governador, Senhor Pedro Moreno Gondim homologou a Lei Nº 2.141/1959 publicada no Diário Oficial do estado, em 21/06/1959, ocorreu o desmembramento de Bananeiras, ou seja, a sua autonomia político-administrativa. Porém, a sua emancipação só ocorreu em 17 de novembro de 1959 com o nome de Dona Inês.

3 MATERIAIS E MÉTODOS

A metodologia científica busca conhecer e descrever como foi realizada a pesquisa. A partir disso, mostra qual o caminho metodológico trilhado ao longo do deste trabalho científico (Oliveira, 2011).

Assim, o referido autor supracitado, traz contribuições sobre a pesquisa sendo a pesquisa qualitativa e quantitativa. A primeira é entendida como uma “expressão genérica”, trabalha com dados, busca significados com base na percepção do fenômeno para tentar explicar a sua origem, relações e mudanças, bem como intuir as consequências. Já a pesquisa quantitativa, é caracterizada pela quantificação, tendo como base a coleta de dados por meio de técnicas e estáticas. Logo, este trabalho fez uso de dados quantitativos para atingir os resultados necessários.

Segundo Goldenberg (2004), esse tipo de abordagem se opõe ao pressuposto de um modelo único, é acreditado que as ciências sociais têm a sua especificidade, pressupondo uma metodologia própria. Para isso, foi utilizado como base o estudo de caso. Em relação ao estudo de caso Sátyro e D´Albuquerque (2020) justificam que, neste tipo de pesquisa, há a necessidade de entender diferentes variantes de um mesmo fenômeno e a partir dele tentar compreender o seu processo até chegar à conjectura atual.

Para este fim, utilizou-se da fenomenologia como base de pesquisa, em que Corrêa e Rosendahl (1998) falam sobre o tema e sua importância para a Geografia, trazendo uma análise sobre este campo do conhecimento. Inicialmente, os autores discutem sobre esta ciência e as variações existentes entre os diferentes campos do conhecimento e é justamente disso que a fenomenologia vai abarcar a sua importância para os estudos. Toda ciência pode advir através dela, pois não está relacionada, especificamente, à Geografia, mas a qualquer outra ciência, onde para se conhecer e entender um fenômeno, às vezes se interrelaciona com outras áreas do conhecimento para chegar às explicações.

Na Geografia propriamente dita, a paisagem é vista como ponto central de análise de seus estudos para entendê-la. Dessa forma, os fenômenos perpassam por diversas áreas do conhecimento, bem como de suas vertentes características dos estudos geográficos. A partir disso, Corrêa e Rosendahl (1998) trazem como exemplo os mapas dos séculos XVII e XVIII os quais são importantes pelas representações da superfície da terra com detalhamento morfológico, não somente pelas formas físicas, mas também pela expressão cultural da paisagem.

Definindo a natureza da pesquisa, foi feita uma análise e pesquisa de autores que trabalham com o objeto de estudo que seguirá a linha “Geografia da Cultura e da Percepção”. Nesse viés, a fenomenologia entende que o mundo vivido é um conceito importante, pois se refere à experiência cotidiana a qual existe a partir da base filosófica, atrelada à categoria do lugar, que traz o reconhecimento da Geografia humanista como uma vertente, independentemente de sua ciência (Nascimento; Costa, 2016).

Já na segunda parte com a pesquisa em campo foi proposto conhecer alguns dos importantes símbolos culturais da cidade de Dona Inês-PB, onde se esperou descobrir e analisar qual a importância que eles têm para a sociedade local, bem como a relação que as pessoas têm com eles.

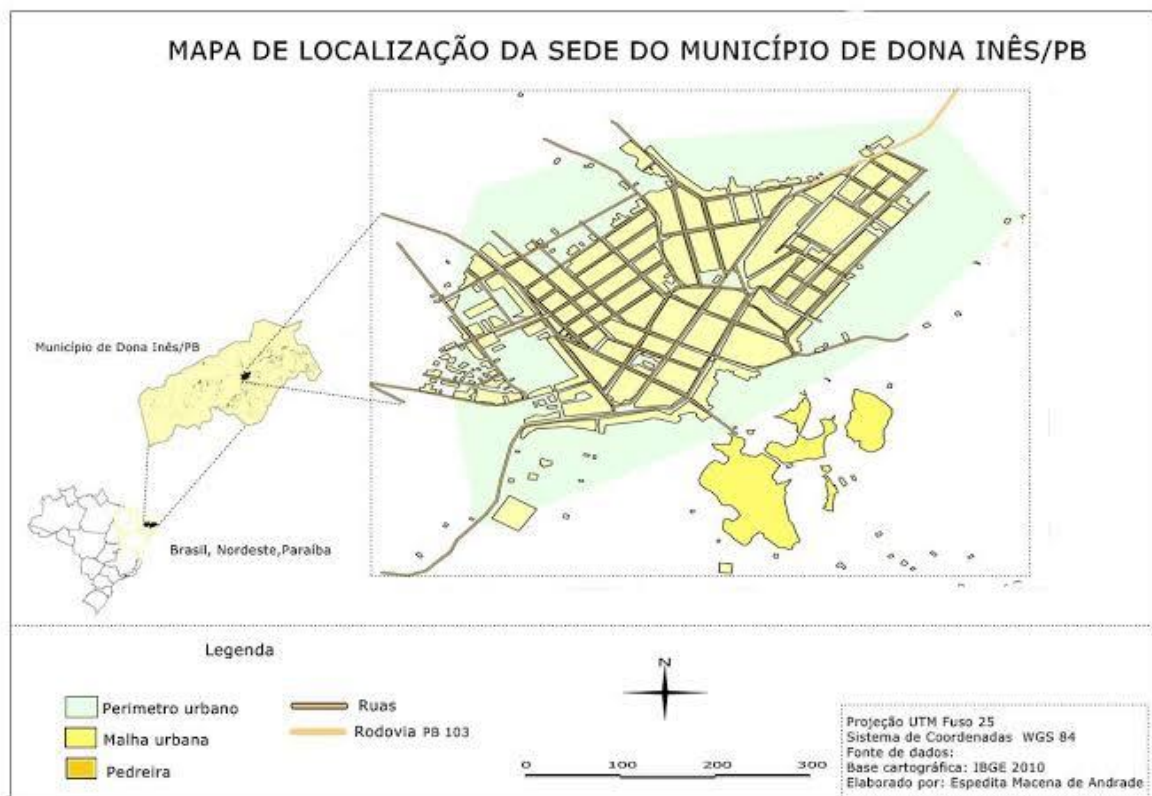
Nessa parte, após a definição das localidades, foi feita a visita em cada uma delas, totalizando 5 áreas importantes para a cultura na região. No museu Espaço da Memória, foi feito um questionário em forma de uma conversa com a pessoa responsável pelo lugar para saber sobre o seu funcionamento. Nas demais áreas, foram feitas visitas até às localidades em que era necessário a realização de perguntas rápidas e de caráter informativo por meio da disponibilidade dos

respondentes ali presentes para chegar à compreensão sobre o lugar retratado. Logo, foram feitos registros fotográficos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Para o desenvolvimento desta parte do trabalho foram visitados 5 locais na cidade de Dona Inês-PB as quais possuem uma importância simbólica para a cultura local da região, de formas distintas, sendo elas: Espaço da Memória; Igreja Mãe; Cajueiro; Praça dos Trabalhadores; Espaço da Juventude. Abaixo, a Figura 2, demonstra mapa da área territorial do município, assim como a sede municipal deste.

Figura 2 - Mapa de localização do município de Dona Inês-PB



Fonte: GALDINO (2014).

Através das localidades mencionadas anteriormente, foi constatado em um primeiro momento a importância que a história tem para a paisagem, na cidade de Dona Inês-PB, bem como as localidades caracterizadas pela contribuição da sociedade local e com os seus significados, tanto pela cultura quanto pela modificação

ao longo dos anos deixadas pela memória histórica. A respeito da percepção nos locais analisados, cabe destacar as contribuições de Serpa (2008) em que cada pessoa tem um olhar diferente para a paisagem. Portanto, para compreendê-la, segundo a opiniões distintas, acaba trazendo essa forma de percepções diferentes que esses espaços denotam para a população da cidade.

4.1 ESPAÇO DA MEMÓRIA

O Espaço da Memória é um lugar bastante conhecido em Dona Inês-PB, pela população devido sua importância cultural para a região. É neste espaço, onde estão diferentes objetos, considerando que reúne um grande aparato constituído por simbolismos culturais marcados presentes na área estudada (Figura 3).

Figura 3 - Parte frontal do Museu Espaço da Memória, Dona Inês-PB



Fonte: Arquivo do autor (2023).

O Espaço da Memória funciona como um museu local, onde as pessoas da região e de outras localidades, o visitam para conhecerem um pouco da história cultural de Dona Inês-PB. Entretanto, essa não é a sua única funcionalidade, pois

também é uma biblioteca, para o empréstimo de livros dos mais temas para leitura, bem como conhecer as diferentes obras literárias existentes lá.

Em entrevista com o responsável atual de dirigir o local, o professor Mariano Ferreira da Costa. O referido professor é formado em Filosofia com bacharelado e licenciatura pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). A ele foi perguntado sobre o funcionamento e a gestão da instituição, assim como a importância cultural do Espaço da Memória para Dona Inês-PB. A entrevista teve a duração de uma hora com perguntas já pré-selecionadas.

O professor, no primeiro momento, contou que o espaço funcionava, tanto como museu quanto como biblioteca, mas com pouca valorização por parte da comunidade. Ele foi um dos primeiros a enxergar o potencial deste para a cidade, como também foi um dos primeiros a incentivar o funcionamento e o processo de valorização para contribuir nos aspectos culturais da região.

A foto ilustrada abaixo retrata um objeto doado por moradores da cidade e estes são expostos para os visitantes. A Figura 4, a seguir apresenta um desses exemplares, uma cama em estilo patente.

Figura 4 - Cama estilo patente doada por uma família de uma zona rural de Dona Inês-PB para exposição no Museu

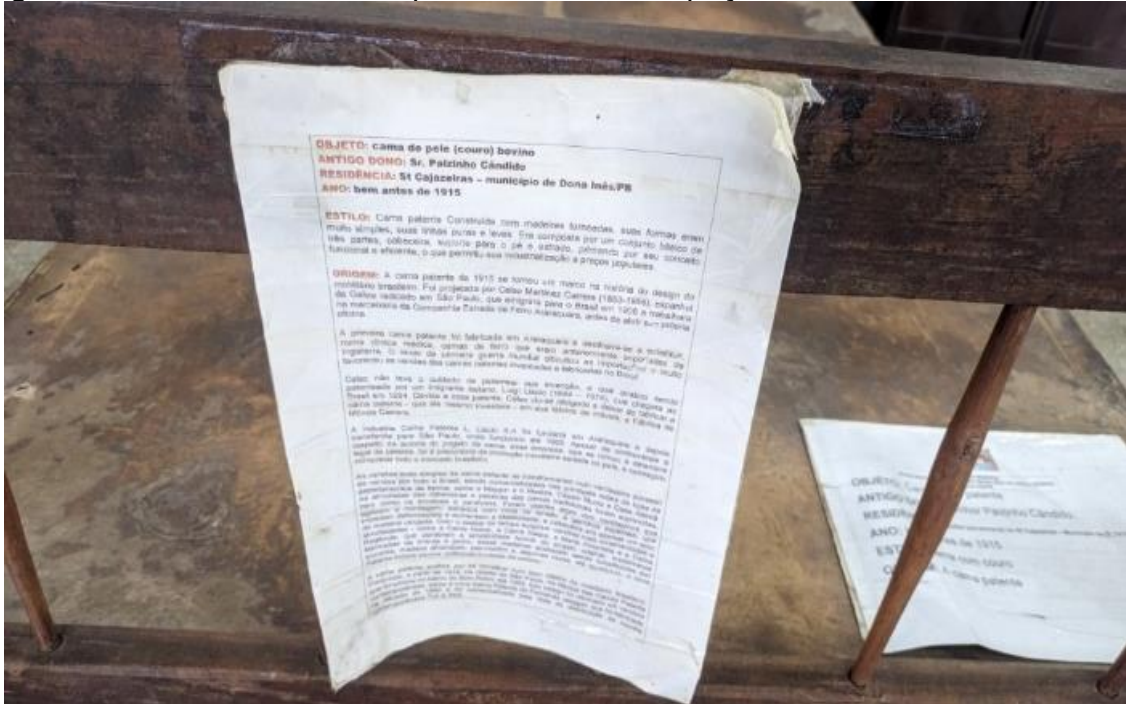


Fonte: Arquivo do autor (2023).

Já na Figura 5, logo abaixo, é a classificação do objeto, bem como seu estilo, ano, por quem foi doado ou de quem era. Para tanto, mais um exemplo do que foi

falado pelo professor Mariano sobre a doação dos objetos. Entretanto, no que se refere à natureza das peças, o Espaço da Memória tem uma variedade destas.

Figura 5 - História da cama exposta no Museu Espaço da Memória, Dona Inês-PB



Fonte: Arquivo do autor (2023).

Recentemente, como vimos, o local recebe doações da população local de objetos de diversos tipos os quais são catalogados e colocados em exposição. Cada uma das peças expostas contam a história para quem visita o museu. Além do mais, recebem no local, doações de livros para que estes sirvam para empréstimos aos interessados pelas obras presentes neste espaço.

Ainda questionado sobre as doações Mariano disse que qualquer morador local pode presentear algum objeto que tenha em sua casa e considere interessante para o museu. O processo que antecede a doação é realizado uma visita ao doando com interesse em doar uma peça, é verificado o seu estado, o tipo de peça, podendo ser de aparelhos. Sob este fator, a visita é realizada por pessoas que trabalham no museu, pois podem avaliar melhor se é válido colocar para exposição e a população ter acesso em visitas ao museu.

Em relação às doações, o professor ainda expõe que sempre recebeu muitos moradores locais. Estes, por sua vez, se mostram aptos para doarem ao museu.

Dessa maneira, contribuem na propagação da história daquele objeto, que será conhecido por quem visitar o espaço.

O museu Espaço da Memória ainda tem em uma área externa dentro de suas dependências considerada grande a qual foi aproveitada para a construção de diferentes espaços. Os referidos espaços trazem distintos símbolos culturais dos diferentes tempos históricos construídos os quais foram deixados lá para observação de quem o visita.

A Figura 6, abaixo, mostra o Memorial da Farinha, um de seus símbolos culturais construído. Inegavelmente, a cultura das casas de farinha, como foi dito pelo professor, contam o passado da região. Ele diz que hoje ainda podem ser encontradas na zona rural, mas, que em sua época de ouro, eram vistas com mais frequência. Diante do exposto, foi construído uma em que o professor idealizou os seus moldes antigos para serem expostos aos visitantes e como eram por dentro, bem como o funcionamento delas com todos os objetos que eram encontrados na época em que os trabalhadores estavam inseridos nessa localidade e realidade.

Figura 6 - Parte frontal do Memorial da Farinha no Espaço da Memória, Dona Inês-PB



Fonte: Arquivo do autor (2023).

Já na figura 7, exemplifica uma parte da casa da farinha a qual foi construída pensando em todo o seu funcionamento, fazendo menção à época de ouro na região.

A partir disso, foi perguntado se em algum momento ela foi utilizada, já que está instalada ali, se tinha atividade no museu. O professor respondeu que o seu intuito é apenas como forma de ilustração e que ele tão pouco as pessoas que trabalham na instituição têm planos para utilizar nem no momento atual e nem no futuro.

Figura 7 - Aparelho no Memorial da Farinha no Espaço da Memória, Dona Inês-PB



Fonte: Arquivo do autor (2023).

Em um de seus destaques, o Espaço da Memória conta com uma casa-modelo construída segundo o estilo de construção passada e como eram as casas antigamente em Dona Inês. Mesmo que a referida casa tenha sido construída de forma mais resistente, até por questões de segurança aos visitantes e trabalhadores do local, é um dos destaques do espaço e caracteriza o modo de vida das pessoas com a sua religiosidade e estilo cultural, pois a mesma pensada para contar um pouco da história para quem passa neste espaço tão repleto de significações e memórias, como o próprio nome diz (Figuras 8 e 9).

Figura 8 - Casa antiga no Espaço da Memória, Dona Inês-PB



Fonte: Arquivo do autor (2023).

Figura 9 – Objetos dentro da casa no Espaço da Memória, Dona Inês-PB



Fonte: Arquivo do autor (2023).

A pequena casa, com seus apenas 4 cômodos separados, sendo eles, uma sala, uma cozinha, um quarto e uma área de serviços, transporta quem a vê para aquela época. Ainda mais quando se percebe a casa toda mobilhada apenas com objetos do passado, bem como imagens de santos que demonstram a religião católica predominante da época em questão. A casa ainda mostra relíquias da cultura da época como o fogão à lenha, o lampião, bem como outros objetos que fazem alusão e demonstração à época para quem está visitando-a (Figuras 10 e 11).

Figura 10 - Santos dentro da casa no Espaço da Memória, Dona Inês-PB



Fonte: Arquivo do autor (2023).

Figura 11 - Objetos antigos da casa no Espaço da Memória, Dona Inês-PB



Fonte: Arquivo do autor (2023).

O Espaço da Memória, ainda dispõe de uma área externa com bastante floração para deixar o local como uma forma mais acolhedora para quem o visita. Em questão ao simbolismo cultural demonstra sentimento de quem está observando e de quem está vendo aquele cenário e não é diferente no museu. O professor argumentou que os mais jovens visitam o local, mas às vezes não têm o apego emocional daquilo que estão vendo, diferente dos mais velhos, pois vivenciaram nesta época. Muitos se emocionam, chegam a chorar em locais como a casa e começam a contar as suas experiências e como era no tempo de seus antepassados. Sendo assim, lembrar e contar experiências daqueles símbolos culturais, de forma saudosista, de uma época que não volta mais.

Para a população local, o Espaço da Memória ao ser visitado esse tem um apego local importante. Foi contado pelos que, quando querem construir algum espaço novo sempre são bem receptivos pelas pessoas que moram na cidade para contar as suas experiências e ideias. Parte dessas coisas, que os demais não sabiam, mas que conseguem se reportar à época graças a essa troca de informações entre os moradores e os funcionários desse espaço cultural na cidade de Dona Inês-PB.

Também foi questionado sobre a visita dos estudantes das escolas da cidade. Com efeito, o local sempre teve uma boa recepção durante o ano letivo, pois os professores de diferentes escolas da cidade levam os seus alunos para visitar o museu. Estes têm a oportunidade de participarem de palestras e ouvirem relatos dos trabalhadores. Por fim, foi perguntado se já teve algum projeto em andamento para que os alunos pudessem pesquisar e usassem como base o museu.

No entanto, a informação passada é que, o local, até o dado momento ainda não foi trabalhado alguma proposta para que pudesse ser trabalhado algo entre a relação de professor, aluno e museu. Logo, o Espaço da Memória ainda conta com um livro em sua entrada para as pessoas que ali passam colocar o seu nome e deixar registrado a sua passagem pelo museu.

4.2 IMPÔRTANCIA DOS PRINCIPAIS SÍMBOLOS CULTURAIS NA CIDADE DE DONA INÊS-PB

Em relação às áreas urbanas da cidade de Dona Inês-PB, detêm expressos na paisagem alguns símbolos culturais os quais são importantes e estes serão listados e representados nesta sessão do trabalho.

Como representação de um dos seus símbolos culturais, temos o Espaço da Juventude. Este é um local que funciona como uma praça para a população local. Além do mais, é uma área com diversos espaços diferenciados para os moradores da cidade e demais visitantes. Abaixo, a figura 12.

Figura 12 - Praça da Juventude, Dona Inês-PB



Fonte: Arquivo do autor (2023).

Como mencionado acima, o Espaço da Juventude tem várias áreas e um deles é um quiosque. Este é aberto todos os dias para a venda de lanches para os visitantes deste espaço público na cidade. Na sequência, a figura 13, também representando o Espaço da Juventude, uma área que funciona como palco para apresentação de atividades culturais durante todo o ano da cidade. Nessa mesma área, é fortemente ocupada por crianças todos os dias, que se reúnem para a prática de esportes e socialização. O fato ser um local fechado pode ser usado como recreação de forma segura.

Figura 13 - Área do palco na Praça da Juventude, Dona Inês-PB



Fonte: Arquivo do autor (2023).

Quando se pensa no apego emocional de uma população por um símbolo cultural, na cidade de Dona Inês a Igreja Mãe é um dos primeiros pontos a se pensar nesse apego. É, portanto, uma das principais construções da cidade e carrega consigo o primeiro monumento cultural e histórico construído. Prova disso, o ano em que foi datada a construção a qual foi gravada na frente da igreja (Figura 14).

Figura 14 - Igreja Mãe, Dona Inês-PB



Fonte: Arquivo do autor (2023).

Para a população local, a Igreja Mãe é um dos principais símbolos culturais para a realização de missas durante o ano inteiro e de comemorações em seu entorno. A igreja também é muito conhecida pela cor amarela de sua fachada. Assim, no que

se refere ao apego com este símbolo cultural, a população local afirmou que a única vez que a igreja foi pintada de outra cor, perdeu-se a referência com o local e a identidade pela sua cor amarela devido ao apego forte com este símbolo

O que faz alusão ao que já foi discutido, que os símbolos culturais têm suas características muito fortes em determinadas áreas da cidade. O que faz de a Igreja Mãe ser um símbolo cultural caracterizada pela cor e pela própria estrutura arquitetônica que sempre buscou manter suas características sob o conhecimento dos moradores locais. A pintura consegue trabalhar no imaginário da população mesmo que seja uma pequena e simples característica.

Em relação à história e a valorização dos símbolos culturais, na cidade de Dona Inês-PB, pode-se destacar dois símbolos culturais: a Igreja Mãe que tem sua importância, principalmente, por ser a primeira estrutura mais antiga comprovada pela sua datada quanto o Cajueiro, embora esse segundo possa não ser visto e valorizado pela população da região. Apesar de ser palco principal do início da história do surgimento do território de Dona Inês. Recentemente, a referida localidade, tem como atividade a lavagem de roupas com o uso águas.

Foi feito no Cajueiro uma obra durante o mandato do prefeito João Idalino. O espaço foi fechado, pois as pessoas pegavam as suas águas indevidamente para encher os carros pipas, minimizando o volume de água, como também para lavar veículos e animais. Dessa maneira, sem nenhuma sensibilidade, contribuíam para o processo de poluição com este meio natural. Logo, ocorre uma desvalorização da importância desse símbolo cultural para a região, pois muitas vezes as pessoas não enxergam a importância que ele tem para a história e a cultura para o município.

Tuan (1983) discute como essa realidade exposta pode variar, tanto pela valorização quanto pela desvalorização dos símbolos culturais e isso sempre perpassa o tempo. Sendo assim, mesmo que não se tenha o olhar voltado pela importância histórica da população referente ao Cajueiro, não é algo estático e que não possa se modificar com o tempo.

No que se refere à área urbana, a Praça dos Trabalhadores tem uma importância cultural. Sob este aspecto, ela é a praça com maior ocupação populacional. É comum todas as horas do dia as pessoas sentarem em seus bancos para socialização, bem como vendendo lanches nas barraquinhas. Assim, pode-se encontrar características simbólicas da cultura local, a exemplo do letreiro, na figura 15, em que está escrito o nome da cidade, em amarelo, e “Filha de uma paixão”, em

branco, acompanhado de duas mãos, uma branca e outra preta, fazendo alusão à história da cidade em que caçadores viram uma mulher acompanhada de um homem.

Figura 15 - Símbolo cultural na Praça dos Trabalhadores, Dona Inês-PB



Fonte: Arquivo do autor (2023).

O que se percebe como essas duas mãos, na figura 15, tem uma importância para a região por se tornar uma espécie de marca da cultura local, mas que para pessoas de outra cidade e que não conhecem a história de Dona Inês-PB não tem, portanto, o mesmo significado nem valor histórico.

Nesse aspecto, pode-se destacar na construção e mudança, que os símbolos culturais deixam ao longo do tempo no espaço. Na praça dos trabalhadores foi identificado que, a princípio, a praça era muito simples em sua construção, pois os bancos eram feitos de alvenaria, não haviam canteiros em seu entorno. Com base nisso, foram plantados onze-horas, beneditas, mas por serem plantas sazonais chegam um tempo que morrem. Porém, na segunda gestão do prefeito Antônio Justino, quando terminou o Espaço da Memória, foi sugerido pelo professor Mariano que a praça passasse por uma reforma.

Eles tentaram conservar na Praça dos Trabalhadores as mesmas características da anterior e esta passou por três momentos construtivos diferentes. Na segunda versão da praça, foi toda idealizada pelo professor Mariano

supervisionando e dando sugestões. Porém, devido à oposição política, as pessoas discutiam nas redes sociais, alegando que estava sendo feita uma desordem no local em questão.

Nesta versão atual foi pensado em tirar as mesinhas que ficavam pessoas jogando dominó e baralho. Foi sugerido colocar uma estátua na praça para simbolizar o trabalhador da cidade e fazer alusão ao nome da praça. Com efeito, foram removidos os bancos para dar mais espaço para a locomoção das pessoas que utilizam o espaço para caminhada, como também para seguir o mesmo padrão existente na cidade, as estatuas foram cercadas por correntes tal qual as estatuetas. No aspecto paisagístico plantaram eucalipto tratado e sugerido novos bancos para acompanhar o mesmo estilo. A Figura 16, a seguir demonstra a descrição acima.

Figura 16 - Estátua na Praça dos Trabalhadores, Dona Inês-PB



Fonte: Arquivo do autor (2023).

As mudanças encontradas na Praça dos Trabalhadores são relacionadas ao que foi discutido antes, que a paisagem não é estática, mas está sempre em constante processo de transformação, uma vez que deixam vestígios que podem ser encontrados em seu local, mas que dão lugar a novos processos. Sendo assim, a Praça dos Trabalhadores, como símbolo cultural da região, se transformou ao longo

dos anos. Porém, essas mudanças sempre deixaram vestígios do que eram no passado, bem como são suscetíveis a transformações futuras.

Essas mudanças, entretanto, nunca modificaram a relação que as pessoas têm com a localidade. Em que um espaço pode deixar de ter um significado para denotar outro para a população que ali reside, mas que foram transformações ao longo dos anos que demonstram como a paisagem não é estática, e está sempre sendo sujeito a transformação.

Em relação aos símbolos culturais da cidade de Dona Inês-PB, o grafite é outro exemplo importante em sua paisagem. Este foi pensado a princípio como uma forma de valorizar trabalhos de artistas da região onde retratam a cultura local, bem como da Paraíba, do Nordeste, em que trazem situações do cotidiano da população a partir do grafite, como mostra na figura 17. Esta representação cultural está espalhado por diversas áreas de Dona Inês-PB.

Figura 17 - Grafite em uma área da cidade de Dona Inês-PB



Fonte: Arquivo do autor (2023).

Os traços dessa arte mostram a paisagem e é de grande importância, como já foi discutido anteriormente, pois o mesmo local pode ter diversos exemplos de representações culturais. É comum encontrar, em um mesmo local, mais de um grafite que simbolize a cultura da região, usando como exemplo, a religião. Os diversos

ambientes da área urbana da cidade são encontrados vários grafites de diferentes religiões, na paisagem de Dona Inês-PB.

Corrêa e Rosendahl (1998) ao discutirem isso, explicam que diferentes expressões culturais podem estar presentes no mesmo espaço por formas distintas de ocupação das pessoas inseridas em diferentes grupos culturais. Os autores trazem em seu livro que esses símbolos da cultura estão presentes na paisagem, logo em Dona Inês-PB não poderia ser diferente, apontando que existe uma valorização em diferentes localidades por meio do grafite distintos em espaços públicos da cidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A paisagem é uma das principais categorias de estudo da Geografia. Cada uma vai ter sua diferenciação e mudança, seja em relação ao tempo, ao espaço ou à cultura a qual está inserida. O homem a modifica e a transforma de acordo o meio que está inserido.

Com isso, vão surgindo os símbolos culturais, que estão presentes em todos os tipos de paisagem. Muitos têm a sua importância, tanto local para a cultura que o indivíduo está inserido quanto pode-se ter um valor emocional para diferentes pessoas, exemplificada em um mesmo local, pode denotar extrema alegria para um e profunda tristeza para outro.

Os símbolos culturais, por sua vez, estão inseridos na paisagem e estes são marcados por algum motivo, seja história local, espaço de visitação ou transição entre pessoas, por exemplo. Logo, vão expressar importância considerável para a cultura local, assim como valorização da sociedade em que está inserido.

Com isso, no trabalho foram pesquisados diferentes símbolos culturais na cidade de Dona Inês-PB, em que se pode pensar na importância que eles têm para a sociedade local. Como o exemplo da própria história da cidade em que foi representada por uma mulher e um homem, fazendo alusão à história de Inês em um período em que o Brasil vivenciava a escravidão. Esta simbologia mostrada no trabalho teve uma especificidade que para outra sociedade possa não ter tanta relevância, mas que para a referida cidade tem importância histórica

Dessa maneira, os símbolos culturais estão espalhados pela cidade, contando a sua história, bem como a sua importância para a região. Além do mais, pode-se observar como alguns deles se transformaram e se modificaram ao longo do tempo, haja vista que eles não são estáticos, pois têm continuidade se transformam ao longo dos anos, deixando sua marca registrada na paisagem local e o entendimento da relação que o indivíduo se relaciona com o seu meio.

O trabalho em questão, ainda abre a possibilidade para outras pesquisas, quando se pensa na própria história local da região e chegar na transformação da paisagem no futuro. Ainda abrindo possibilidades de estudo, não só na zona urbana de Dona Inês-PB, como foi proposto o artigo, mas também de outras histórias e lendas espalhadas pela cidade na sua zona rural, que podem ser exploradas no futuro.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, G. C. C.; KUNZ, S. A. S. O conceito da paisagem significa aplicado à Geografia: mosaico de sentimentos perpassados pela cultura e subjetivo.

Linguagem Acadêmica, Batatais, v. 4, n. 2, p. 91-112, 2014.

Campos, R. R. (2014). Uma Breve Análise da Escola Possibilista de Vidal de La Blache. **Revista Geografias**, v. 10, n. 2, p. 24–44, 2014.

CORRÊA, J. S. **Geografia cultural: uma breve história**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, v. 6, 2020. p. 9-24.

CORRÊA, R. L. **Sobre a Geografia cultural**, 2009. Disponível em:

<http://ihgrgs.org.br/artigos/contibuicoes/Roberto%20Lobato%20Corr%C3%AAa%20-%20Sobre%20a%20Geografia%20Cultural.pdf>. Acesso em: 03 de novembro de 2023.

CORRÊA, R. L; ROSENDAHL, Z. A Geografia cultural no Brasil. **Revista da ANPEGE**, v. 2, n. 2, p. 97-102, 2005.

_____. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

COSTA, L. D. C. N; GASTAL, S. D. A. Paisagem Cultural: Diálogos entre o natural e o cultural, SEMINTUR, **Anais [...] do VI Seminário de pesquisa em turismo do Mercosul, Saberes e fazeres no turismo: interfaces**, 9 e 10 de julho, 2010.

CLAVAL, P. A. Geografia cultural no Brasil. *In*: BARTHE-DELOIZY, F., and SERPA, A. (Orgs.). **Visões do Brasil: estudos culturais em Geografia**. Salvador: EDUFBA; L'Harmattan, 2012. p. 11-25. ISBN 978-85-232-1238-4.

_____. **A Geografia cultural**. 3. ed. Florianópolis: UFSC, 2007.

CLAVAL, P. C. C. Geografia Cultural: Um balanço, **Revista Geografia**, Londrina, v. 20, n. 3, p. 05-24, 2011.

DONA INÊS. Secretaria De Assistência Social E Habilitação. Fundo Municipal De Assistência Social. **Plano de assistência social de Dona Inês 2018-2021**, 2018. Disponível em: https://pmdonaines.pb.gov.br/wp-content/uploads/2022/08/Plano-de-Assistencia-Social-2018_2021.pdf. Acesso em: 03 de nov. 2023.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: UNESP, 2005.

FABRÍCIO, D. C. B; VIETTE, A. C. Paul Vidal de la Blache e a Geografia francesa: do contexto histórico às monografias urbanas, **Cordis. História, Arte e Cidades**, n. 6, p. 301-332, 2011.

GALDINO, G. L. **O crescimento urbano e a questão ambiental no município de Dona Inês-PB**. 2014. Artigo (Licenciatura em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2014.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.

IBGE – **INSTITUTO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICAS**. Dona Inês-histórico. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/dona-ines/historico>. Acesse em: 03 de novembro de 2023.

MACIEL, A. B. C; FELIPE, J. A; LIMA, Z. M. C. Os problemas de saneamento e seus impactos sobre a saúde pública do município de Dona Inês/PB, **OKARA: Geografia em debate**, v. 9, n. 3, p. 524-541, 2015.

MATHEWSON, K; SEEMANN, J. A Geografia histórico-cultural da Escola de Berkeley um precursor ao surgimento da História Ambiental. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 24, n. 39, p.71-85, 2008.

MAXIMIANO, L. A. Considerações sobre o conceito de paisagem. **R. RAÍE GA**;, Curitiba, n. 8, p. 83-91, 2004.

MENDES, C. C *et al.* **A Paraíba no contexto nacional regional e interno**. Rio de Janeiro: IPEA, 2012.

NAME, L. O conceito de paisagem na Geografia e sua relação com o conceito de cultura. **GeoTextos**, v. 6, n. 2, p. 163-186, 2010.

NASCIMENTO, T. F. D; COSTA, B. P. D. Fenomenologia e Geografia: teorias e reflexões, **Geografia, ensino e pesquisa**, v. 20, n. 3, p. 43-50, 2016.

OLIVEIRA, L. Percepção da paisagem geográfica: Piaget, Gibson e Tuan. **Geografia**, Rio Claro, v. 25, n. 2, p. 5-22, 2000.

OLIVEIRA, M. F. D. **Metodologia científica**: um manual para a realização de pesquisas em administração. Catalão: UFG, 2011.

PASSOS, C. R. F. Os gêneros de vida na Geografia humana (P. V. de La Blache), *Okara*: **Geografia em debate**, v. 11, n. 1, p. 120-124, 2017.

SÁTYRO, N. G. D; D'ALBUQUERQUE, R. W. O que é um estudo de caso e quais as suas potencialidades? **Revista Sociedade e Cultura**, v. 23, 2020.

SEEMAN, J. A Morfologia da paisagem da paisagem cultural de Otto Schlüter: Marcas visíveis da Geografia Cultural? **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 17-18, p. 65-76, 2004.

SILVA, J. C. F. Categorias analíticas da Geografia: Caminhos para leitura do espaço Geográfico. **Revista Diálogos**, n. 14, 2015.

SILVA, L. L. S. D; SILVA, L. S. R. D. Da aurora ao ocaso de Berkeley: Contexto, discordâncias e novas trajetórias da Geografia cultural, **Geoingá: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia**, Maringá, v. 14, n. 1, p. 169-197, 2022.

SILVEIRA, B. R.; ARAÚJO R. V. Considerações sobre o conceito de paisagem e a aula de campo na praça do ferreiro – Fortaleza – Ceará. **Geosabares**, Fortaleza, v. 4, n. 7, p. 61 – 71, 2013.

SERPA, A. Milton Santos e a paisagem: Parâmetros para a construção de uma crítica da paisagem contemporânea. **Paisagem e Ambiente: Ensaios**, São Paulo, n. 27, p. 131-138, 2010.

_____. **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008.

TUAN, Y. **Espaço e Lugar a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.